

O
MENINO
DA MALA

LENE KAABERBØL
E AGNETE FRIIS





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

EMPURRANDO A PORTA DE VIDRO com os quadris e arrastando a mala atrás de si, ela desceu a escada que levava ao estacionamento do subsolo. O suor escorria sob sua camiseta. O interior do prédio não estava muito mais fresco que as ruas abafadas, esquentadas pelo sol, e como se não bastasse o calor, o ambiente se empestava com o cheiro pútrido de algum hambúrguer descartado numa lixeira qualquer.

Não havia elevadores. Depois de todo o esforço para transpor a escada com a mala pesada, ela enfim se deu conta de que não queria guardá-la no carro sem saber o que havia dentro. Escondeu-se atrás de algumas caçambas de lixo, fora do alcance das câmeras de segurança e do olhar dos curiosos. A mala não estava trancada a cadeado, apenas protegida por dois fechos metálicos e uma correia resistente. Mesmo com as mãos trêmulas – uma delas dormente por causa do peso carregado de tão longe –, ela conseguiu abri-la.

O susto foi tão grande que ela caiu para trás, batendo as costas contra o plástico duro de uma das caçambas. Dentro da mala havia um menino nu. Cabelos claros e finos, mais ou menos 3 anos de idade. Os joelhos se flexionavam contra o peito, como se alguém os tivesse dobrado à maneira de uma camisa. De outra forma não teriam conseguido acomodá-lo ali, ela supôs. Os olhos estavam fechados e a pele parecia ainda mais pálida sob a luz azulada das lâmpadas fluorescentes do teto. Foi preciso que o menino entreabrisse os lábios para que ela se desse conta de que ele ainda estava vivo.

AGOSTO

A CASA SE EMPOLEIRAVA À BEIRA de um penhasco com uma visão panorâmica da baía. Jan sabia muito bem que os habitantes locais se referiam a ela como “a Fortaleza”. Mas não era por isso que ele ficava melancólico sempre que olhava para aqueles muros brancos. Os moradores que pensassem o que bem entendessem; não eram eles que importavam.

Com linhas modernas e funcionais (projetadas por um arquiteto famoso, claro), a casa era uma releitura do estilo *funkis* dos suecos. Neofunkis, como dizia Anne, que à época da construção lhe havia mostrado fotos de outras casas no mesmo estilo para fazê-lo entender, pelo menos até certo ponto, o que era aquilo. Linhas retas, nenhuma decoração. A vista deveria falar por si própria através das janelas enormes que tragavam para os diversos cômodos toda a luz e beleza que vinham de fora. Assim havia sentenciado o arquiteto, e Jan achara aquilo mais do que razoável. Após comprar o terreno e botar abaixo o chalé de verão dos antigos proprietários, ele havia enfrentado os burocratas da prefeitura até convencê-los de que seria um bom negócio para o município tê-lo como um de seus novos contribuintes e enfim conseguir todas as permissões de que precisava para tocar a obra. Chegara ao ponto de presentear a agência nacional de proteção ambiental com um cheque tão gordo que a representante local, ao ver o montante, quase engasgara com o chazinho de ervas que estava tomando. Ora, que motivo teria ele para não criar ali uma reserva ambiental? Não lhe interessava que outras pessoas viessem em hordas para perturbar sua paz com piqueniques ou construções na vizinhança. Então lá estava ela agora, em sua casa de muros brancos, sua fortaleza neofunkis bem iluminada e arejada, de design sóbrio. Exatamente do jeito que ele havia planejado.

No entanto, não era bem isso que ele desejara. Aquela não era exatamente a casa dos seus sonhos. Ele ainda sentia uma vaga e estranha pontada de remorso ao pensar no imóvel que quisera comprar inicialmente, um casarão palaciano que misturava o novo-riquismo de 1912 com o total despropósito das reformas realizadas na década de 1960, caríssimo só porque ficava na esnobe Strandvejen, o endereço à beira-mar da elite financeira de Copenhague. Mas não era essa a causa de seu remorso. Endereços e elites não significavam

nada para ele. O grande atrativo era o fato de que logo ao lado, separada apenas por uma malcuidada sebe de acácias, ficava a casa em que Anne havia crescido. Jan vinha acalentando todo tipo de sonhos para quando se mudasse para lá com a mulher: a numerosa família de Anne reunida para um churrasco à sombra das macieiras; ele e o sogro fumando seu tabaco da Virgínia, ambos empunhando um bom uísque escocês; os cunhados sentados com seus respectivos filhos em torno da mesa longa e branca do pátio; a sogra no balanço de varanda, embrulhada no seu lindo xale indiano, cercada pelos quatro ou cinco filhos que ele ainda teria com Anne, o caçula dormindo nos braços da mãe. Por vezes ele também os imaginava em torno de uma fogueira no próprio quintal, celebrando com parentes ou amigos a chegada do verão, um número suficiente de vozes para sustentar a cantoria de praxe, ou talvez numa noite comum de quinta-feira, só porque lhes dera na veneta comer do lado de fora, só porque naquela manhã eles haviam encontrado camarões frescos para comprar no píer. Acima de tudo, ele visualizava Anne feliz, relaxada, sorrindo.

Jan deu uma longa tragada no cigarro enquanto passava os olhos pela baía, o vento lambendo seus cabelos, marejando-lhe a vista. As águas estavam escuras e solenes, aqui e ali estriadas pela espuma branca. Ele já havia convencido o proprietário a vender o casarão, os papéis já estavam prontos para serem assinados. Mas Anne havia fincado o pé.

O que era difícil de entender. A família era *dela*! Não eram elas, as mulheres, que costumavam dar tanta importância a esse tipo de coisa? Proximidade, raízes, relações bem próximas. Coisas que numa família como a de Anne pareciam tão... certas. Saudáveis. Amorosas. Sólidas. Keld e Inger, ainda tão visivelmente apaixonados após quase quarenta anos de casamento. Os dois irmãos de Anne, que sempre apareciam para uma visitinha aos pais, ora com mulher e filhos, ora sozinhos, apenas porque ainda jogavam tênis no clube da vizinhança. Fazer parte de tudo aquilo, e de um modo tão fácil, apenas comprando a casa do outro lado da sebe... Como era possível que Anne se recusasse? Mas foi o que aconteceu. Teimosamente, apenas dizendo não, sem oferecer nenhum argumento. Bem a seu estilo: não quero e ponto final.

Portanto, lá estavam eles agora. Era ali que eles viviam com Aleksander, à beira de um penhasco. O vento uivava em torno dos muros brancos sempre que soprava na direção noroeste, acentuando ainda mais o isolamento do lugar. Afastados demais da cidade, eles raramente recebiam a visita inesperada de algum amigo ou parente, não se encaixavam na rotina fácil das coisas, não tinham acesso àquela saborosa vidinha familiar, a não ser nas quatro ou cinco vezes anuais em que os encontros eram previamente agendados.

Jan deu uma última tragada e jogou o cigarro no chão, apagando-o com o calcanhar para não atear fogo na grama seca. Ficou ali por mais um tempo, deixando que o vento dissipasse das roupas e dos cabelos o cheiro da nicotina. Anne ainda não sabia que ele havia voltado a fumar.

Retirou a foto da carteira. Deixava-a ali porque sabia que a mulher era refinada demais para sair bisbilhotando os bolsos do marido. O mais sensato seria rasgar ou queimar aquela foto, mas de vez em quando ele precisava admirá-la, precisava sentir o misto de esperança e terror que ela lhe inspirava.

O garoto olhava diretamente para a câmera. Os ombros nus derreavam-se para a frente como se retraídos à vista de algum perigo. Não havia pista alguma sobre onde ele se encontrava: atrás dele, apenas um fundo escuro. No canto da boca ainda se viam os restos de algo que ele acabara de comer, provavelmente um chocolate.

Lentamente, Jan correu a ponta do indicador sobre a foto, depois a guardou de volta na carteira. Eles tinham enviado um celular, um Nokia velho que ele jamais teria comprado por iniciativa própria. O mais provável era que o aparelho fosse roubado. Ele digitou o número e esperou.

– Sr. Marquart. – A voz do outro lado tinha um leve sotaque e o tom era formal. – Já se decidiu?

Embora já estivesse resolvido, Jan hesitou.

– Sr. Marquart? – insistiu o interlocutor.

Ele pigarreou.

– Sim. Eu aceito.

– Ótimo. Vou lhe passar as instruções.

Jan ouviu as instruções curtas e precisas, anotou números e valores. Foi educado, assim como o homem com quem falava. Terminada a ligação, no entanto, ele enfim pôde dar vazão à raiva e à revolta represadas até ali. Num gesto de fúria, arremessou o telefone para longe. O aparelho alçou voo sobre a cerca, quicou do outro lado e sumiu no mato da encosta.

Jan voltou ao carro e subiu para casa.



Dali a menos de uma hora, ele engatinhava pela encosta à procura do maldito celular. Anne apareceu no terraço dianteiro da casa e debruçou-se na grade.

– O que você está fazendo aí? – berrou ela.

– Deixei cair uma coisa – respondeu ele.

– Quer que eu ajude a procurar?

– Não precisa.

Anne permaneceu onde estava. O vento soprava encosta acima, enfunando seu vestido de linho pêssego, bagunçando seus cabelos, erguendo as madeixas, dando a impressão de que ela caía. Uma queda livre sem paraquedas, pensou Jan, mas imediatamente fez um esforço para espantar os maus pensamentos. Tudo terminaria bem. Anne nem sequer ficaria sabendo.

Ele levou quase uma hora e meia para encontrar a porcaria do aparelho, e dali a pouco ligou para a companhia aérea. Definitivamente não era o caso de deixar que a secretária cuidasse daquela viagem.

– Para onde você está indo? – quis saber Anne.

– Uma viagem rápida a Zurique.

– Algum problema?

– Não – apressou-se em dizer. Foi um reflexo automático quando viu o medo nos olhos da mulher e procurou acalmá-la. – São só negócios. Uns fundos aí que preciso levantar. Segunda-feira estou de volta.

Como era possível que eles tivessem chegado àquele ponto? Subitamente, e de um modo intenso, Jan se lembrou daquele sábado de maio, mais de uma década antes, em que vira a mulher ser levada ao altar pelo pai. Ela estava linda, como num conto de fadas, com seu vestido branco de uma simplicidade sublime, os cabelos pontilhados com minúsculos botões de rosa. Imediatamente ele percebera que o buquê que havia escolhido era grande demais, espalhafatoso demais, mas não dera a isso nenhuma importância. Estava apenas alguns minutos de ouvi-la dizer o tão esperado “sim” e, num breve instante em que trocara olhares com o sogro, pensara ter visto na expressão dele uma clara mensagem de aprovação, de boas-vindas à família. *Vou cuidar muito bem dela*, foi a promessa que ele mentalmente fizera ao radiante homenzarrão. E acrescentara outras duas que não estavam incluídas nos votos formais: ele daria a Anne tudo que ela quisesse e a protegeria de todo o mal que pudesse haver neste mundo.

Essa ainda era sua vontade, pensava ele agora, jogando o passaporte na mala que fazia para ir a Zurique. Custasse o que custasse.

AS VEZES JUČAS SONHAVA com uma família: a mãe, o pai, um casal de crianças. Quase sempre eles estavam à mesa, comendo o jantar preparado pela mãe. Moravam numa casa com jardim, onde havia macieiras e pés de amora. Todos sorriam, sinal de que eram felizes.

Ele, Jučas, se achava do lado de fora da casa, olhando para o interior. Mas sempre tinha a impressão de que sua presença ali seria percebida a qualquer instante e o pai viria à porta, abrindo um sorriso ainda mais largo para dizer: “Finalmente você chegou! Entre, entre!”



Jučas não fazia a menor ideia de quem seriam. Tampouco se lembrava da aparência de cada um. Mas, quando acordava, invariavelmente sentia uma nostalgia difusa, uma ansiedade que o acompanhava dia afora como um aperto no coração.

Nos últimos tempos, aquele sonho vinha se repetindo ainda mais. Para ele, a culpa era de Barbara, que volta e meia vislumbrava o futuro: os dois numa casinha nos subúrbios de Cracóvia, próxima o bastante para que a mãe dela pudesse tomar apenas um ônibus para visitá-los, mas afastada o suficiente para que existisse um mínimo de privacidade. E haveria filhos, é claro. Porque era tudo o que Barbara mais queria.

Na véspera do dia marcado eles haviam festejado. Tudo estava pronto. As malas já estavam no carro, todos os preparativos já haviam sido feitos. Naque-la altura, somente um inesperado desvio na rotina da putinha poderia detê-los. E mesmo que isso viesse a acontecer, bastaria que eles esperassem mais uma semana.

– Que tal fazermos um passeio? – sugeriu Barbara. – Algum lugar em que a gente possa deitar na grama, ficar a sós...

De início ele recusou, alegando que uma variação da rotina não seria aconselhável. As pessoas se lembrariam depois. Para que alguém passasse totalmente despercebido, era preciso que ele ou ela fizesse apenas aquelas coisas que sempre fazia. Mas então ele se deu conta de que, se tudo saísse como pla-

nejado, aquele seria seu último dia na Lituânia. Além disso, ele não estava com a menor vontade de passar o dia vendendo sistemas de alarme para os executivos do terceiro escalão de Vilna.

Então ligou para o cliente que teria de encontrar e desmarcou, dizendo que a empresa mandaria alguém na segunda ou na terça. Barbara também ligou para o emprego, dizendo que estava “muito gripada”. Já seria segunda-feira quando todos em Klimka percebessem que ambos haviam faltado ao trabalho, e nessa altura isso não teria a menor importância.

Eles pegaram o carro e foram para o lago Didžiulis. No passado, o lugar era utilizado como camping para os filhos dos colonos, mas agora eram os escoteiros que acampavam ali, e num dia de semana comum como aquele, no fim de agosto, não havia ninguém por perto. Jučas estacionou à sombra de uns pinheiros para evitar que o Mitsubishi estivesse um forno quando eles voltassem. Barbara desceu e imediatamente se espreguiçou, deixando à mostra um pouco da barriguinha bronzeada. Foi o que bastou para Jučas sentir uma comichão entre as pernas. Ele nunca havia conhecido uma mulher capaz de excitá-lo assim tão rápido. Aliás, jamais conhecera uma mulher como Barbara, e ponto final. Ainda se perguntava por que diabos ela havia escolhido alguém como ele.

Caminhando na direção oposta à dos chalés de madeira, que pareciam prestes a desmoronar, eles foram seguindo pela trilha que cortava a colina e mais adiante se embrenhava no bosque. Inalando o cheiro de resina e das árvores ressecadas pelo sol, Jučas se viu por um instante na companhia de sua avó Edita na fazenda em que ela morava, próximo a Visaginas. Passara os primeiros sete anos de vida ali. Era terrivelmente frio e solitário no inverno, mas, no verão, Rimantas vinha passar as férias com a avó dele na fazenda vizinha e o bosque de pinheiros entre as duas propriedades se transformava ora na selva africana de Tarzan, ora na floresta sem fim de Hawkeye, o último dos moicanos.

– Acho que ali está bom para nadar.

Barbara apontou para a margem do lago onde uma velha plataforma de madeira invadia as águas como um dedo ligeiramente torto.

Jučas devolveu a fazenda de Visaginas à caixa de onde ela havia escapado, uma das muitas de sua memória. Raramente a abria e não havia motivo algum para que o fizesse justamente ali, naquelas circunstâncias.

– Deve ter sanguessugas – falou, apenas para amedrontá-la.

Ela fez uma careta.

– Claro que não. Se tivesse, não iam deixar as crianças nadarem aqui.

Só então ele se deu conta da besteira que tinha dito: por pouco não fizera com que ela desistisse de se despir.

– Tem razão, tem razão – concordou rapidamente.

Barbara respondeu com um sorrisinho maroto, como se soubesse exatamente o que se passava na cabeça de Jučas. Enquanto ele observava, ela lentamente foi desabotoando a blusa, tirando a saia cor de areia, descalçando as sandálias. Vestia apenas a calcinha e o sutiã, ambos brancos, quando foi para a beira da água.

– Será que a gente tem mesmo que nadar agora? – perguntou Jučas.

– Claro que não – respondeu ela, aproximando-se. – Nós nadamos depois.

Jučas tinha tanto desejo por aquela mulher que às vezes apressava as coisas, atabalhado como um adolescente. Mas dessa vez ele soube se conter. Beijou-a sem nenhuma pressa. Tocou-a onde era preciso tocar. Queria deixá-la tão excitada quanto ele próprio. Chegada a hora, pescou a carteira do bolso para tirar a camisinha que, por insistência dela, sempre carregava consigo. Porém, foi ela quem o deteve.

– O dia está tão lindo... – comentou ela. – Este lugar é tão lindo... Acho que podemos fazer um filho lindo também, você não acha?

Jučas não encontrou o que dizer. Deixou a carteira de lado e a abraçou por um bom tempo antes de deitá-la na relva e tentar dar à namorada o que ela tanto queria.



Por fim, eles se jogaram nas águas profundas e geladas do lago. Barbara não era uma exímia nadadora, na verdade nunca havia aprendido a nadar, então apenas chapinhava na água, fazendo o possível para não se afogar. Ela cruzou as mãos na nuca de Jučas e deixou que ele a rebocasse enquanto nadava de costas. Olhando diretamente nos olhos dele, perguntou:

– Você me ama?

– Muito.

– Mesmo sabendo que sou uma velha decrépita?

Barbara era nove anos mais velha que ele e incomodava-se com isso. Ele, por sua vez, não estava nem aí.

– Amo você loucamente. E você não é nenhuma velha.

– Promete que vai cuidar de mim? – indagou ela, e deitou a cabeça no peito dele.

Jučas ficou surpreso com a intensidade do carinho que sentiu naquele momento.

– Sempre a seu serviço – sussurrou.

Então pensou que a família daquele sonho recorrente talvez fosse a que ele próprio formaria com Barbara numa casinha nos subúrbios de Cracóvia. Muito em breve.

Mas antes havia algo que ele precisava fazer.

OS SÁBADOS ERAM OS DIAS de maior solidão para Sigita.

A semana passava num piscar de olhos. Havia o trabalho, e também havia Mikas. Após as seis da tarde, quando ela buscava o filho no jardim de infância, tudo se desenrolava numa rotina quase militar: cozinhar, comer, dar banho no menino, botá-lo para dormir, separar as roupinhas que ele usaria no dia seguinte, arrumar a casa, lavar a louça, ver um pouco de TV. Havia noites em que ela adormecia com o blá-blá-blá dos telejornais.

Mas os sábados... eles pertenciam aos avós. Logo de manhãzinha ela via no estacionamento diante do prédio a movimentação dos pais que iam recheando seus respectivos carros com filhos, malas e caixotes vazios que no domingo voltariam repletos de batatas, alfaces, repolhos, por vezes até com ovos frescos e potes de mel. Todos partiam para “o campo”, isto é, para o sítio ou a fazenda dos avós.

Sigita não ia a lugar nenhum nos fins de semana. Comprava todas as suas hortaliças no supermercado. E, quando via a pequenina Sofija, de apenas 4 anos, atravessar a rua e se jogar nos braços de sua avó de pele bronzeada e cabelos tingidos de hena, sentia uma dor tão aguda que parecia ter perdido um dos braços.

Naquele sábado em particular, recorrera ao expediente de sempre: preparara um café da manhã, uma garrafa térmica e levava Mikas para o parquinho da escola. As copas frondosas das bétulas junto à cerca rebrilhavam sob o sol forte. Havia chovido durante a noite e alguns estorninhos se banhavam nas poças turvas que haviam se formado sob a gangorra.

– Mamãe, mamãe! *Olhaláopassarinhotomandobanho!* – exclamou Mikas, apontando com entusiasmo.

Nos últimos tempos, ele vinha falando sem parar e tão rápido que por vezes era difícil entender o que dizia.

– Pois é. Acho que ele quer ficar bem limpinho. Será que ele sabe que amanhã é domingo?

Sigita gostaria de ter encontrado outras crianças no parquinho, mas naquele sábado, como de hábito, não havia ninguém além deles. Ela entregou ao filho o caminhãozinho de plástico, o balde vermelho e a pá. Mikas ainda gostava

de brincar no tanque de areia, onde costumava passar horas na construção de ambiciosos projetos que envolviam estradas e fossos; pequenos ramos fincados na areia faziam as vezes de árvores ou talvez fortificações.

Exausta, Sigita acomodou-se na borda do tanque e fechou os olhos. Segundos depois, no entanto, sentiu no rosto uma saraivada de areia molhada.

– Mikas!

Sabia que o filho havia feito de propósito: podia ver o brilho no olhar dele, o riso que ele tentava reprimir.

– Mikas, meu filho, não faça uma coisa dessas!

Alheio ao que acabara de ouvir, o menino fincou a pá na areia e mais uma vez atirou outro punhado contra a mãe, acertando-a diretamente no peito. Sigita sentiu a areia escorrendo sob sua blusa.

– *Mikas!*

Ele não pôde se conter mais: deixou escapar uma gargalhada adorável e contagiante. Sigita ficou em pé de um salto e exclamou:

– Vou te pegar!

Mikas deu um gritinho de contentamento e se levantou, correndo o mais rápido que lhe permitiam as perninhas de 3 anos. Deixando que o filho tomasse uma pequena dianteira, Sigita saiu no calçado dele, agarrou-o pouco depois e o ergueu para apertá-lo num demorado abraço. De início ele tentou se desvencilhar, mas depois cedeu, envolvendo o pescoço da mãe com os braços e enterrando a cabeça sob o queixo dela. Seus cabelinhos ralos e dourados cheiravam a xampu e a suor. Sigita cobriu-o de beijos ruidosos e intensos, fazendo com que o pequeno Mikas voltasse a rir e espernear.

– Me solta, me solta!

Somente mais tarde, quando eles já haviam voltado para o tanque de areia e Sigita se servia de um primeiro copo de café, foi que o cansaço voltou. Ela levou o copo de plástico ao nariz e inalou o aroma como se tivesse à sua frente uma carreira de cocaína. Mas aquele cansaço não era do tipo que podia ser aplacado com um simples café.

Seria sempre assim?, perguntou-se ela. Apenas eu e Mikas? Sozinhos no mundo? Não era assim que deveria ser. Ou era?

De repente, Mikas irrompeu na direção da cerca, onde agora se achava uma mulher jovem e alta, vestindo um casaco claro de verão, a cabeça envolta num lenço de estampa floral como se estivesse indo a uma missa. Mikas corria até ela com determinação. Sigita chegou a pensar que fosse uma das professoras da escola, mas viu que não. Hesitante, levantou-se e foi caminhando ao encontro dela.

Só então percebeu que a mulher trazia algo na mão. A embalagem metálica reluzia sob o sol e Mikas havia escalado a cerca de um modo apressado e guloso. Chocolate.

Sigita surpreendeu-se com a própria fúria. Com dez ou doze passadas largas, chegou à cerca e com um gesto brusco tomou o filho no colo. Mikas arroum um beijo de revolta. Seu rosto já estava sujo de chocolate.

– O que é isso que você deu para ele?

A mulher desconhecida fitou-a com uma expressão de surpresa.

– Só um chocolate...

Tinha um leve sotaque, talvez russo, o que em nada diminuía o rancor de Sigita.

– Meu filho não tem permissão para aceitar doces de estranhos – afirmou ela.

– Desculpa. É que... ele é tão fofo...

– Das outras vezes foi você também? Ontem e no outro dia?

Sigita já havia encontrado manchas de chocolate na camiseta do filho e por causa disso tivera uma acalorada discussão com as diretoras da escola, que juraram de pés juntos nunca ter dado algum tipo de doce a Mikas ou a quem quer que fosse. A regra da escola era bem clara: doces, apenas uma vez por mês. Segundo tinham dito, elas nem sequer haviam cogitado quebrar essa regra, e pelo visto tinham falado a verdade.

– Sempre passo por aqui. Moro logo ali – informou a mulher, apontando para um dos prédios de concreto vizinhos do parquinho. – Sempre trago chocolate para as crianças.

– Por quê?

A mulher ficou olhando para Mikas durante um bom tempo. Parecia um tanto nervosa agora, como se a tivessem flagrado fazendo algo errado.

– Não tenho filhos – respondeu ela afinal.

Apesar da fúria, Sigita sentiu uma pontada de compaixão.

– Eles ainda virão – replicou. – Você ainda é jovem.

A mulher fez que não com a cabeça.

– Trinta e seis – falou com um ar de tragédia.

Só então Sigita percebeu a maquiagem que deliberadamente escondia as ruguinhas em torno dos olhos e da boca da mulher. Num gesto automático, apertou o filho ainda mais entre os braços. Pelo menos tenho Mikas, pensou ela. Pelo menos isso.

– Por favor, não faça isso outra vez – repreendeu-a, mas com menos firmeza do que havia planejado. – Açúcar não faz bem à saúde.

– Sinto muito – respondeu a mulher, com os olhos marejados. – Não vai acontecer de novo. – E se afastou com passos rápidos.

Coitada, pensou Sigita. Pelo visto não foi só comigo que o destino foi ingrato.



Ela limpou as manchas de chocolate com um lenço umedecido. Mikas se retorceu feito uma minhoca, acintosamente irritado.

– *Maischocolate! Maischocolate!*

– Não – retrucou Sigita. – Nada de chocolate.

Percebendo que o filho já ensaiava uma birra, ela correu os olhos à sua volta em busca de alguma distração. Apontou para o balde vermelho e sugeriu:

– Que tal a gente construir um castelo?

Então ficou brincando com ele até vê-lo sucumbir de novo ao eterno fascínio da água, da areia e dos galhos, de tudo aquilo que era possível fazer com eles. O café já havia esfriado, mas ela o bebeu mesmo assim. Grãos de areia a espetavam sob o elástico do sutiã; discretamente, tentou varrê-los dali. As bétulas desenhavam sombras escuras sobre a areia cinzenta, onde Mikas, engatinhando, empurrava seu caminhão ao mesmo tempo que imitava, de maneira bastante realista, um ronco de motor.

Sua lembrança desse dia pararia aí.

UMA GAIVOTA, PENSOU JAN. Uma maldita gaivota!

Ele já deveria estar de volta à Dinamarca havia mais de uma hora. Em vez disso, esperava pelo que deveria ter sido o voo de 7h45 para Copenhague, torrando no interior de um tubo de alumínio superaquecido junto com outros 122 infelizes. As comissárias serviam refrescos a todo instante, mas nada era capaz de arrefecer seu desespero.

O avião havia chegado de Copenhague no horário, mas o embarque havia sido postergado, primeiro por quinze minutos, depois por outros quinze, depois por mais trinta. Jan já começara a suar. Tinha uma agenda apertada a cumprir. Mas os funcionários da companhia aérea insistiam em dizer que o problema era temporário, solicitando que os passageiros permanecessem junto ao portão. Quando anunciaram que o embarque seria adiado de novo, dessa vez por uma hora inteira, e sem explicação alguma, Jan perdeu as estribeiras e exigiu que sua mala fosse devolvida de modo que ele tentasse pegar outro voo para Copenhague. A exigência foi negada com educação. Toda a bagagem já se achava no interior da aeronave e, claro, ninguém se daria o trabalho de encontrar a mala dele entre as demais 122. Dane-se a mala, pensou Jan, agora exigindo que o deixassem sair da sala de embarque. De imediato, dois seguranças o cercaram para dizer que, se a mala iria partir naquele avião, ele teria que partir junto. Algum problema?

Claro que não, respondeu ele servilmente, nem um pouco disposto a ser levado para alguma saleta sem janelas e ficar trancafiado nela por mais não sei quantas horas. Não era nenhum terrorista, explicou, apenas um empresário com importantes negócios à sua espera em Copenhague. A segurança aeroportuária também era um negócio muito importante, retrucaram eles. Sem mais o que dizer, Jan aquiesceu e foi se sentar numa das cadeiras azuis do saguão, mentalmente amaldiçoando o 11 de Setembro e todas as mudanças que aquele fatídico dia havia impingido ao mundo.

Ao cabo do que parecera uma eternidade, eles enfim deram início ao embarque. Agora tudo precisava ser feito à velocidade da luz. Dois funcionários se juntaram ao primeiro para agilizar o processo e outros tantos começaram a monitorar os passageiros de modo que ninguém se perdesse ou se afastasse

para alguma providência de última hora. Aliviado, Jan jogou-se na sua confortável poltrona da classe executiva e consultou o relógio. Ele ainda chegaria a tempo.

As turbinas já se aqueciam enquanto os comissários de bordo repetiam o texto de praxe sobre os procedimentos de emergência. Dali a pouco, o avião se pôs em movimento.

Mas de repente parou. E permaneceu parado por tanto tempo que Jan, aflito, mais uma vez conferiu as horas. Tirem essa bosta do chão!

Nesse mesmo instante, o capitão anunciou pelos alto-falantes:

– Senhores passageiros, lamento informar que houve outro imprevisto. No voo até aqui, colidimos com uma gaivota. A aeronave não sofreu nenhum dano aparente, mas, em obediência às normas da aviação, tivemos que fazer uma inspeção nas turbinas antes de recebermos a autorização para decolar. Por isso o atraso até agora. O avião foi inspecionado e devidamente autorizado a voar.

Então por que não estamos voando?!, pensou Jan, rangendo os dentes.

– Ocorre que nossa companhia possui um programa de controle de qualidade, o qual nos obriga a enviar por fax toda a documentação da inspeção mecânica antes que a central nos dê a permissão final para decolagem. Neste exato momento, no plantão de Copenhague, há apenas uma pessoa qualificada para concedê-la, e por algum motivo essa pessoa não se encontra em sua mesa...

A frustração do piloto era bastante audível, mas nada que se comparasse ao desespero que Jan sentia. Seu coração batia tão forte que parecia doer no peito. Se eu tiver um infarto, será que me deixam descer desta porra?, cogitou ele, já pensando se deveria ou não fingir um ataque cardíaco. Mesmo que o deixassem sair, ele levaria algum tempo até conseguir outro voo, ainda que abrisse a carteira para pagar o custo de um jatinho particular. Ele precisava se conformar com o fato de que não iria dar certo.

Mas algo precisava ser feito. Cada vez mais aflito, Jan se perguntava quem poderia ajudá-lo àquela altura dos acontecimentos. Com quem ele poderia entrar em contato? Quem seria fiel e competente o bastante para fazer o que precisava ser feito? E Anne? Seria o caso de ligar para ela?

Não. Anne, não. Karin teria que se virar sozinha: já estava relativamente envolvida na história, e quanto menos pessoas soubessem, melhor. Jan pegou o celular na maleta e ligou para a secretária.

A comissária o atacou como uma águia:

– Por favor, desligue o celular, senhor.

– Estamos parados – observou ele. – E a menos que a companhia aérea queira responder a um processo de seis dígitos, sugiro que a senhorita me deixe em paz para que eu possa ligar para minha empresa *agora*.

Notando as veias que latejavam no pescoço dele, a comissária enfim decidiu que a diplomacia seria o melhor caminho.

– Então seja rápido, senhor. Mas depois dessa ligação o aparelho terá que ser desligado – exigiu, e ficou plantada ao lado dele.

Jan cogitou pedir que ela se afastasse, mas estava cercado de outros passageiros, portanto não havia privacidade possível. Procurando ser sucinto, instruiu Karin a ir até o banco em Copenhague e sacar o montante que ele acabara de transferir de Zurique.

– Você vai ter que fornecer uma senha; vou mandá-la numa mensagem de texto daqui a pouco. Leve com você uma das minhas malas, a que tiver as tranças mais seguras. É uma quantia bem grande. – Constrangido com a presença da comissária, e sem saber como dizer o resto sem ser confundido com o personagem de um filme de espionagem, acrescentou: – Na verdade, acho melhor mandar tudo por texto. São muitos dados e números. Confirme depois o recebimento da minha mensagem.

Embora não houvesse mais o que ouvir, a comissária permaneceu acintosamente nas imediações enquanto ele digitava sua mensagem e esperava pela confirmação, que, de forma inexplicável, demorou a chegar:

“Ok. Mas você agora me deve um grande favor.”

“Eu sei”, respondeu ele.

Jan ficou se perguntando quanto aquilo lhe custaria, sobretudo o silêncio de Karin, que havia aprendido a gostar das coisas boas da vida. No fundo era uma pessoa bondosa e fiel, pensou ele para se tranquilizar, e além disso tinha bons motivos para permanecer ao seu lado. Afinal, até então ele havia sido bastante generoso como chefe – e como outras coisas também.

Pouco depois, o avião deu um solavanco e começou a avançar. Jan recebeu ter-se precipitado ao envolver Karin, mas logo viu que eles não estavam se preparando para decolar e, sim, taxiando para uma área lateral. O capitão explicou que o movimento no aeroporto era grande e eles haviam perdido o lugar na fila de decolagem; agora teriam de esperar indefinidamente até que recebessem a permissão de Copenhague e então pudessem pleitear um novo lugar na fila. Falou ainda que sentia muito, mas seria obrigado a desligar o ar-condicionado da aeronave durante a espera.

Jan fechou os olhos e xingou em três línguas diferentes: *Fandens. Scheisse. Puta merda.*

NINA FITOU O HOMEM diretamente nos olhos.

– Acho melhor o senhor ir embora.

Em vão. Ele se aproximou ainda mais, avultando-se sobre ela. Nina podia sentir o perfume da loção pós-barba que ele estava usando. Fossem outras as circunstâncias, teria gostado.

– Sei que ela está aqui – disse o homem. – Quero ver minha noiva *agora*.

Era um dia quente de agosto, e no vaso azul sobre a mesa dela havia rosas brancas colhidas no jardim. Do lado de fora do Ellen's Place, o sol deitava sua luz sobre os gramados ressecados e os bancos brancos. Algumas das crianças do Bloco A jogavam futebol. Os jogadores de um dos times gritavam em urdu, e os do outro, quase todos, em romeno; apesar disso, pareciam se entender perfeitamente. Um pensamento surgiu na cabeça de Nina, numa das longínquas esquinas de seu cérebro: hora do recreio. Seus colegas Magnus e Pernille já a haviam abandonado para ir à cafeteria e de onde estava ela podia ver a psicóloga Susanne Marcussen almoçando na área de piquenique com a nova chefe de enfermagem do distrito. Eram 11h55, e a não ser pelo jogo de futebol, pairava uma tranquilidade de *siesta* sobre o Centro Furesø da Cruz Vermelha Dinamarquesa, também conhecido como Coal House Camp. Pelo menos era essa a sensação até o homem avançar clínica adentro quatro minutos antes. Nina olhou de relance para o telefone sobre sua mesa, mas para quem poderia ligar? Para a polícia? Até então, o homem não havia cometido nenhuma infração.

Aparentando quase 50 anos, ele trazia os cabelos castanhos penteados para trás, tinha a pele bronzeada e usava uma gravata sobre a impecável camisa Hugo Boss de mangas curtas. Ao que tudo indicava, não ocorrera a ninguém barrá-lo na portaria.

– Saia do meu caminho – ordenou ele. – Vou buscá-la eu mesmo.

Nina não se intimidou. Caso fosse agredida, pensou, poderia chamar a polícia. Valeria a pena arriscar.

– Isto aqui não é um lugar público – retrucou. – Vou ter que pedir ao senhor que se retire imediatamente.

De novo, em vão. Como se ela não estivesse ali, o homem agora olhava para o corredor atrás.

– Natasha! – chamou ele. – Vem, meu amor. Rina já está esperando no carro.

No carro? Nina buscou o olhar dele.

– Rina está na escola! – berrou.

Ele baixou os olhos para ela, estampando nos lábios um sorriso de tal modo presunçoso que Nina sentiu engulhos.

– Não mais – replicou ele.

Nina ouviu uma porta se abrir às suas costas. Não precisou se virar para saber que Natasha havia saído ao corredor.

– Por favor, não a machuque – pediu Nina.

– Jamais faria uma coisa dessas, querida – disse o homem. – Então, vamos para casa? Passei na confeitaria e comprei aqueles folhados que você adora.

Natasha fez um breve gesto de assentimento.

Como num reflexo, Nina tentou detê-la, mas a jovem ucraniana, loura e miúda, passou direto por ela, sem ao menos fitá-la. Nina sabia que ela tinha 24 anos, mas naquele momento a moça parecia uma adolescente apavorada.

– Vou com ele – afirmou ela.

– Natasha! Você pode denunciá-lo se quiser!

Natasha balançou a cabeça.

– Denunciar para quê?

O homem pousou a mão no pescoço fino da ucraniana e a puxou para um beijo acintosamente apaixonado. Nina podia *ver* que ela se retesava de aflição. Em seguida o homem foi baixando as mãos pelas costas da moça até passá-las pela cintura da calça e apertar ambas as nádegas dela, as manzorras se avolumando sob o tecido. Num gesto abrutalhado, forçou a pélvis dela contra a sua.

A essa altura, Nina estava a ponto de vomitar. Sua vontade era pegar o vaso azul à sua frente e arremessá-lo contra a cabeça do filho da puta, mas ela se conteve. Sabia que o homem estava fazendo aquilo para irritá-la, para se vangloriar de uma suposta vitória. Quanto mais ela demonstrasse algum tipo de reação, tanto mais duraria aquele espetáculo grotesco.

Nina ainda se lembrava da felicidade da ucraniana ao exibir seu anel de noivado. “Agora posso ficar na Dinamarca”, dissera com um sorriso radiante. “Meu marido é cidadão dinamarquês.”

Quatro meses depois ela havia aparecido na clínica com uma mala feita às pressas e a filhinha de 6 anos, Rina, a tiracolo. Dava a impressão de que havia fugido de alguma zona de guerra. Não havia nenhum sinal externo de violência a não ser por alguns pequenos hematomas. Tudo indicava que a tara do homem não era bem a agressão física. Natasha se recusava a dizer o que ele

fizera; apenas chorava copiosamente. Mas depois de um tempo, em razão de fortes dores no abdômen, concedera em ser examinada por Magnus.

Nina jamais vira o colega tão furioso.

– *Jävla skitstöfel* – vociferou ele. – *Fy fan*, se eu tivesse um taco de beisebol agora...

Quando estava muito irritado, Magnus tinha o hábito de recorrer ao sueco, sua língua natal.

– O que ele fez com ela? – perguntara Nina.

– Se o filho da puta se contentasse apenas em usar o pinto... Você devia ver as lesões que ela tem na vagina e no reto. Nunca vi nada igual.

Pois agora o Filho da Puta estava bem ali à sua frente, encarando-a ao mesmo tempo que apertava as nádegas de Natasha com as mãos gulosas. A Nina, só restava desviar o olhar. Era bem capaz de matar aquele sujeito. Matar, castrar, esquarterar. Mesmo sabendo que isso não levaria a nada.

Havia milhares de outros canalhas iguais. Não exatamente iguais, mas canalhas que rondavam suas presas feito tubarões à espera do momento certo para explorar o desespero e a vulnerabilidade das mulheres expatriadas e cravar os dentes nas carnes delas.

Por fim, ele tirou as mãos das calças de Natasha.

– Tenha um bom dia – disse, e saiu com a ucraniana como se a levasse numa coleira.

Nina logo pegou o telefone e discou um número interno do centro.

– Sala dos professores, Ulla falando.

– É verdade que aquele filho da puta que vai se casar com a Natasha passou aí e levou a Rina? – perguntou ela.

Seguiu-se um silêncio do outro lado da linha.

– Vou dar uma olhada – respondeu a professora de inglês. Nina esperou seis minutos até Ulla Svenningsen voltar. – Sinto muito, mas ele apareceu logo depois que tocou o sinal do recreio. Segundo contaram as outras crianças, ele acenou com um picolé para a menina, e ela foi correndo para ele.

– Porra, Ulla...

– Desculpa. Mas isto aqui não é uma prisão, certo? A liberdade é parte do conceito.

Nina desligou sem se despedir. Tremia de tanta raiva. Não estava nem um pouco disposta a ouvir explicações ou discursos politicamente corretos sobre a importância da interação com a comunidade.

Magnus surgiu à porta. Com os óculos tortos no nariz, ofegava de tanto correr e suava por toda parte no rosto enorme que lembrava o de um cachorro afável.

– Natasha... Acabei de vê-la entrando num carro...

– Eu sei – replicou Nina. – Ela voltou para o Filho da Puta.

– *For helvete da!*

– Primeiro ele pegou a Rina. Então a Natasha teve que ir com ele.

Magnus se jogou na cadeira mais próxima.

– E claro que ela não vai denunciar o cara...

– Não, não vai. Mas será que *nós* não podemos fazer a denúncia?

Magnus retirou os óculos e, de forma displicente, limpou as lentes na lapela do jaleco.

– Basta ele dizer que não temos nada a ver com o fato de ele e a noiva curtirem sexo selvagem – disse o médico com repulsa. – Se ela não o contrariar... não há nada que a gente possa fazer. Ele não bate nela. Não há nenhuma radiografia de costelas ou braços quebrados que a gente possa enfiar no rabo dele.

– Além disso, ele não abusa da menina... – acrescentou Nina, suspirando.

Magnus balançou a cabeça.

– Pois é. Se fosse esse o caso, aí sim poderíamos fazer uma denúncia. – Ele consultou o relógio de parede. Meio-dia e cinco. – Você não vai almoçar?

– Acho que perdi o apetite.

Nesse momento, o celular de Nina vibrou no bolso.

– Nina – atendeu ela.

Ninguém se identificou do outro lado da linha e Nina não reconheceu de imediato a voz da mulher:

– Você precisa me ajudar.

– Ajudar... com o quê?

– Você precisa ir lá buscar. Você entende dessas coisas.

Só então ela percebeu que se tratava de Karin, vista pela última vez na bebedeira de uma festinha de Natal que terminara em muita discussão e gritaria.

– Karin, o que aconteceu? Você não está falando coisa com coisa.

– Estou na cafeteria da Magasin – respondeu Karin, referindo-se à mais antiga loja de departamentos de Copenhague. – O único lugar que me ocorreu. Então, você vem me ver?

– Estou trabalhando.

– Eu sei. Mas você vem?

Nina refletiu um instante e diversas lembranças vieram à tona: favores devidos, contas a acertar. Então percebeu que não teria como recusar ao menos aquele auxílio.

– Tudo bem. Chego aí em vinte minutos.

Magnus ergueu as sobrancelhas.

– Tenho que almoçar, não tenho? – questionou ela. – Mas acho que vou demorar... hum... pelo menos uma hora.

O médico assentiu, mas sem convicção.

– Ok, ok, nós seguramos as pontas por aqui.

— SRA. RAMOŠKIENĖ!

Um dos olhos de Sigita foi ofuscado pela luz forte de uma lanterna. Ela tentou virar o rosto, mas percebeu que isso não era possível, pois alguém segurava sua cabeça com firmeza, imobilizando-a.

– Sra. Ramoškienė, está me ouvindo?

Ela não conseguiu responder. Não conseguia sequer abrir os olhos por conta própria.

– Não adianta – disse uma segunda pessoa. – Está apagada.

– Eca. Que fedor é esse?

Exatamente, pensou Sigita. Apesar de grogue, ela podia sentir o cheiro acre que a cercava, de vômito misturado ao álcool de alguma bebida forte. Aquele lugar estava precisando de uma boa limpeza.



– Sra. Ramoškienė. Será bem mais fácil se a senhora puder nos ajudar.

Ajudar em quê? Ela não entendia. Onde ela estava? Onde estava Mikas?

– Precisamos inserir um tubo na sua garganta. Se puder engolir enquanto o empurramos, o desconforto será bem menor.

Um tubo? Por que diabos ela ia querer engolir um tubo? Na confusão mental que a aturdiava, Sigita lembrou-se das apostas absurdas que ela e os colegas costumavam fazer nos tempos de escola. “Você ganha 1 litas se engolir esta lesma viva. Não vai engolir, é? Covarde! Amarelou!” Mas dali a pouco recobrou o pouco de lucidez que ainda lhe restava. Ela devia estar em um hospital... Ela *estava* em um hospital e queriam que ela engolisse um tubo de plástico. Mas por quê?

Chegou a tentar, mas não conseguiu. Aquilo estava além das suas forças. Numa espécie de reflexo, começou a se debater e foi aí que sentiu uma dor nova, forte o bastante para atravessar a neblina espessa de sua embriaguez. Meu braço... Santo Deus, meu braço!

É muito difícil gritar com um tubo de plástico enfiado na garganta, constatou ela.



– Mikas...

– O que ela disse?

– Onde está Mikas?

Sigita abriu os olhos. Sentia-os pesados, estranhos, mas ainda assim encontrou forças para abri-los. A luz a cegou, tão branca quanto o leite. Vislumbrava apenas o vulto de duas mulheres, duas manchas escuras em meio à brancura a seu redor. Enfermeiras, ou auxiliares de enfermagem, ela não sabia dizer ao certo. Estavam fazendo a cama a seu lado.

– Onde está Mikas? – repetiu ela, esforçando-se o quanto podia para ser clara.

– A senhora precisa descansar, Sra. Ramoškienė.

Um acidente, pensou ela. Sofri um acidente. Com o carro, ou talvez no ônibus elétrico. Por isso ela não se lembrava de nada. Então foi acometida de um medo súbito. O que teria acontecido a Mikas? Estaria machucado? Estaria *morto*?

– Onde está meu filho? – gritou. – O que vocês fizeram com ele?

– Por favor, se acalme, Sra. Ramoškienė. E fique *deitada*, por favor!

Uma pessoa tentou imobilizá-la, mas Sigita estava apavorada demais para se deixar imobilizar. Levantou-se. Um dos braços estava mais pesado que o outro. O estômago se retorcia com as ondas de náusea, o ácido fazia arder o esôfago já tão machucado. As dores roubaram-lhe o suporte das pernas e todo o controle do corpo, de modo que ela se esborrachou no chão, junto da cama, agarrando-se aos lençóis, ainda tentando ficar de pé.

– Mikas. Eu quero ver Mikas!

– Ele não está aqui, Sra. Ramoškienė. Provavelmente está com a avó ou então com algum parente. Talvez com algum vizinho. Ele está bem, a senhora não precisa se preocupar. Agora, por favor, volte para a cama e pare com essa gritaria. Há outros pacientes aqui, alguns em estado muito grave, e a senhora não pode incomodá-los dessa maneira.

A enfermeira ajudou-a a se deitar. De início, Sigita ficou aliviada: Mikas estava bem! Mas depois ela se deu conta de que havia algo de errado naquilo tudo. Tentou ver melhor o rosto da enfermeira. Havia algo naquela mulher – a rispidez com que ela vinha falando, a rigidez do semblante – que não denotava exatamente compaixão, mas o contrário disso: desprezo.

Decerto ela sabe, pensou Sigita, ainda confusa. Decerto sabe o que eu fiz. Mas como? Como era possível que uma enfermeira desconhecida, num hos-

pital qualquer de Vilna, soubesse o que ela havia feito? Afinal, tantos anos já haviam se passado...

– Preciso voltar para casa – afirmou ela, com a voz engrolada, sentindo náuseas.

Mikas não poderia estar com a avó, claro. O mais provável era que estivesse com a Sra. Mažekienė, a vizinha, que naquela altura já deveria estar irritada com a demora.

– Meu filho precisa de mim.

A segunda enfermeira, que vinha ajeitando os travesseiros da cama ao lado com golpes rápidos e precisos, lançou-lhe um olhar torto.

– Então a senhora deveria ter pensado nisso antes – falou.

– Antes... antes do quê? – gaguejou Sigita. Teria sido ela a culpada pelo acidente?

– Antes de tentar se matar de tanto beber. Já que a senhora perguntou.

Beber?

– Mas eu não bebo – retrucou Sigita. – Quer dizer... quase nunca.

– *Sei*. Será que foi por engano que fizeram uma lavagem estomacal na senhora? Será que o nível de álcool no seu sangue não estava em 2,8?

– Mas... eu *realmente* não bebo.

Aquilo não estava certo. Não podia ser dela que estavam falando.

– Procure descansar um pouco – recomendou a primeira enfermeira, cobrindo-lhe as pernas com um cobertor. – O médico vai passar aqui mais tarde. Talvez a senhora receba alta ainda hoje.

– O que há de errado comigo? O que aconteceu?

– Acho que caiu de alguma escada. Concussão e uma fratura no antebraço esquerdo. Teve sorte: poderia ser muito pior.

Escada? Sigita não se lembrava de escada alguma. Lembrava-se apenas do café que estava tomando enquanto Mikas empurrava seu caminhãozinho no tanque de areia.

SAIR DA CLÍNICA ATÉ que era um alívio, pensou Nina, subindo a rampa para o estacionamento da Magasin e tentando parar seu pequeno Fiat no espaço pouco generoso entre uma pilastra de concreto e um Mercedes de tra-seira grande. Por vezes se sentia cansada de tanta impotência. Que espécie de país era aquele em que moças feito Natasha eram obrigadas a se entregar a homens como o Filho da Puta só para obter um visto de residência?

Pegou um estreito elevador até o último andar da loja e, ao sair dele, foi assaltada pelo cheiro de café, gordura e carne de porco que permeava a cafeteria. Correu os olhos pelo lugar até avistar a cabeleira loura de sua amiga Karin, que ocupava uma mesa junto às janelas, usando um vestidinho branco que mais parecia uma versão sem mangas de um uniforme de enfermeira. Em vez de uma das bolsinhas chiques que costumava usar, Karin trazia consigo uma maleta preta que havia deixado na cadeira ao lado e protegia com uma das mãos enquanto, com a outra, brincava nervosamente com a xícara de café à sua frente.

– Olá – cumprimentou Nina. – Então, o que houve?

Karin ergueu o rosto. Os olhos brilhavam tensos, com uma emoção que Nina não sabia identificar.

– Você precisa buscar uma coisa para mim – afirmou ela, e depôs sobre a mesa uma ficha redonda, de plástico, com a inscrição de dois números.

Nina começou a se irritar.

– Quanto mistério, caramba! O que você quer que eu busque?

Karin hesitou um pouco antes de responder:

– Uma mala. No guarda-volumes da Estação Central. Não abra até que tenha saído da estação. E, quando abrir, não deixe que ninguém veja. Mas tem que ser já!

– Porra, Karin, do jeito que você está falando, até parece que tem cocaína nessa mala!

Karin balançou a cabeça.

– Não é nada disso. É que... – Calou-se de repente, mas com uma expressão de pânico que não conseguiu reprimir. – O acordo não era esse – falou afinal, de um modo febril. – Não vou conseguir. Nem sei como fazer. Mas você sabe. – Levantou-se como se estivesse prestes a ir embora.

Nina cogitou puxá-la de volta à cadeira e impedi-la de partir, tal como tivera vontade de fazer com Natasha pouco antes. Em vez disso, baixou os olhos para a ficha preta à sua frente, com a marcação “37-43” em branco.

– Você adora salvar as pessoas, não é? – indagou Karin com uma pitada de sarcasmo. – Bem, aqui está a sua chance. Mas vai ter que se apressar.

– Para onde você está indo?

– Vou para casa e pedirei demissão – respondeu Karin, seca. – E depois vou viajar para algum lugar, ficar fora por um tempo.

Então saiu na direção do elevador, ziguezagueando entre as mesas. Segurava a maleta embaixo do braço em vez de carregá-la pela alça, o que era bastante estranho.

Nina esperou que ela sumisse de vista, depois voltou os olhos para a ficha sobre a mesa. Uma mala no guarda-volumes da estação. *Você adora salvar as pessoas, não é?*

– Karin, Karin... Em que roubada você foi se meter? – sussurrou ela.

Sua intuição dizia que o melhor a fazer seria deixar aquela ficha ali mesmo e simplesmente ir embora. Mas...

– Foda-se – esbravejou, e guardou a ficha no bolso.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br